

# O trabalho entre chegadas e partidas

Eles trabalham no Terminal Rodoviário de Belém e falam da experiência de ganhar o sustento em um local onde o fluxo de pessoas embarcando ou chegando dos mais diversos lugares do Pará e outros estados é grande

## TERMINAL RODOVIÁRIO

Cintia Magno

**A**cidade ainda retoma gradativamente o movimento rotineiro nas manhãs de segunda-feira quando, dentro do Terminal Rodoviário de Belém, a circulação de pessoas já é intensa. Passos acelerados seguem em direção à área de embarque, sacolas são suspensas ao alto para garantir mais agilidade ao percurso, as mãos tateiam os bolsos, apressadas, em busca da passagem. Os destinos escolhidos por quem transita pela rodoviária são os mais diversos. Já para quem tem no fluxo intenso de passageiros a oportunidade de garantir o próprio sustento, o destino de todos os dias é um só.

Há 29 anos a rotina de Domingos Santos, 59 anos, é a mesma. Ele sai de casa bem cedo e se dirige ao bairro de São Brás rumo à rodoviária que conecta Belém a diversos outros municípios paraenses e, também, a outros estados. Apesar das inúmeras opções listadas nos guichês das empresas de transporte que oferecem passageiros, o trajeto de Domingos tem o seu ponto de chegada ali mesmo, na estação. A postos para desempenhar o trabalho mantido há quase três décadas, basta que chegue um passageiro precisando de ajuda com uma grande quantidade de bagagens para que o carregador entre em ação. "Eu estou desde novo nessa função. Comecei como suplente, quando faltava alguém eu vinha e assumia".

Com o passar do tempo, a necessidade da atuação de Domingos se tornou diária e ele se firmou como um dos carregadores que atuam no terminal rodoviário carregando as bagagens de passageiros que seguem viagem nos ônibus intermunicipais e interestaduais. No carrinho de ferro empurrado com muita habilidade vão malas, caixas, sacos de farinha, isopor e um pouco da história de passageiros que se deslocam por diferentes motivos. Apesar das muitas histórias ouvidas durante o trabalho, a experiência que mais marcou Domingos nesses 29 anos de profissão é recente e foi protagonizada por ele mesmo. "O que mais marcou foi quando peguei esse coronavírus. Eu senti uma fraqueza, uma fraqueza que só vendo", recorda. "Foram quatro meses arriado até eu conseguir me recuperar".

Recuperado, a volta à rotina intensa de empurrar o carro cheio de bagagens por toda a extensão da rodoviária precisou ser retomada aos poucos. De início, Domingos conseguia trabalhar dois dias e parava por mais dois. Até que se sentisse bem para retornar à carga horária diária. "Continua a mesma coisa, o trabalho não mudou muito nesses anos todos. Só o que mudou mesmo foi o movimento (na rodoviária) que há 30 anos era bem maior. Mas vamos levando a vida como dão".

Assim como Domingos, outros 50 carregadores, divididos entre o Terminal Rodoviário e o Terminal Hidroviário de Belém, exercem a tradicional profissão. No caso do Raimundo Figueiredo Ro-



“

**Eu estou desde novo nessa função. Comecei como suplente, quando faltava alguém eu vinha e assumia”**

Domingos Santos, carregador



## EM IMAGENS

① Domingos Santos

② Raimundo  
Figueiredo Rodrigues

③ Jéssica da Silva

④ Rita de Cássia

⑤ Nelma Rocha

FOTOS: MAURO ÂNGELO

## SUSTENTO

Enquanto dezenas de passageiros transitam apressados pelo Terminal Rodoviário de Belém, trabalhadores não medem esforços para garantir os serviços funcionando e para obter o próprio sustento.



## Oportunidade de retornar ao mercado formal

No caso da atendente Nelma Rocha, 41 anos, o ritmo do movimento no terminal rodoviário é acompanhado a menos tempo, há cerca de seis meses, desde que ela começou a trabalhar em uma das lanchonetes instaladas no local. Há dois anos sem trabalhar fora de casa, desde que o filho nasceu, foi no terminal que ela encontrou a oportunidade de retornar ao mercado formal. "Para mim está sendo ótimo, não tenho do que reclamar. Para mim que estava parada, é muito bom voltar", considera. "O movimento é muito bom, principalmente no final de semana e dia de segunda-feira. Sempre tem alguém querendo comer alguma coisa rápida para já embarcar".

drigues, a função foi herdada do pai, que participou da fundação do Sindicato dos Carregadores, há 83 anos. No caso dele próprio, a profissão teve início há cinco anos, tempo suficiente para vivenciar experiências que nunca mais saíram da memória. "A gente vivencia muita situação, principalmente de pessoas que estão passando por situações difíceis e que a gente acaba ajudando", lembra Raimundo. "Já teve situação de pessoas que estavam presas e que saíram, com o alvará de soltura e tudo na mão, e que veio para cá sem saber como voltar pro município deles porque não tinham dinheiro nenhum. A gente tenta de alguma forma dar um jeito de ajudar, faz uma coleta".

Muitas histórias de vida, e de necessidade, também acabam compartilhadas pelos passageiros no guichê de personalizados onde a aten-

dente Jéssica da Silva, 30 anos, trabalha há dois anos. Próximo à área de embarque dos passageiros para as plataformas de onde saem os ônibus, ali também são ouvidas as histórias de quem chega e de quem vai. "Já passamos situações maravilhosas. De pessoas que estavam em uma situação difícil e a gente acabou ajudando de alguma forma. Aí depois de tempos, a gente nem lembrava mais, mas a pessoa voltou e veio agradecer a gente", lembra Jéssica. "Muitas pessoas viajam por problema de saúde, para fazer algum tratamento. São muitas histórias mesmo e muita gente acaba desabafando aqui com a gente. Quando a gente vê já estão contando".

Cada passageiro que cruza a catraca em direção ao embarque leva consigo um motivo e um destino certo. De longe, Rita de Cássia, 52 anos, acompanha a movimentação, quase sempre apressada, dos que sobem as escadas rumo às plataformas. A funcionária trabalha na limpeza da rodoviária e, quando necessário, presta apoio na área das catracas. Nesses três anos em que tem no terminal o seu local de trabalho, nunca subiu as escadas rumo a uma viagem. Sonho que ela pretende concretizar um dia. "Eu ainda não pude viajar, mas eu quero. Eu queria ir para Curitiba porque eu tenho uma tia que mora lá", planeja. "Mas eu gosto dessa movimentação de gente indo e chegando. Eu gosto do meu trabalho".